



UMA FORMA DE “PACIFISMO”, MAIS PERIGOSA QUE A GUERRA NUCLEAR

Roberto Miscow Filho

Neste artigo, o autor chama atenção para um tipo de ameaça tanto ou mais perigosa que as normalmente levadas em conta no planejamento da defesa nacional.

INTRODUÇÃO

O título de uma revista ou de um livro, em geral, é uma pequena expressão, uma frase curta, que deve sintetizar, de maneira sugestiva, o conteúdo da obra. Os que, há mais de catorze lustros, fundaram o presente periódico deram-lhe o nome que resumia, para aqueles bravos pioneiros, este generoso ideário: incentivar a *defesa* de um patrimônio de

mais de quatrocentos anos, dos quais um século existindo como nação independente, soberana.

Quando falamos em defesa nacional, é razoável aparecerem estas interrogações: defesa contra quê?, ou defesa contra quem? Tais perguntas, sob um ponto de vista estritamente militar, podem ser respondidas pela doutrina bem conhecida das chamadas hipóteses de guerra, conjecturas essas não muito agradáveis, porém inevitáveis

face à incômoda, porém indiscutível, realidade geopolítica do mundo contemporâneo.

Sem esquecer a magna importância das hipóteses de guerra, gostaríamos de apresentar breve estudo sobre outro tipo de ameaça, tanto ou mais perigosa, porque talvez menos percebida pelos que se debruçam sobre a análise dos problemas estratégicos da defesa nacional.

POSSÍVEIS REAÇÕES CONTRA A AMEAÇA DA GUERRA NUCLEAR

Dizem que Mao Tse Tung teria, certa vez, dito ou escrito a seguinte frase de efeito: "A bomba atômica é um tigre de papel."

A opinião sóbria e sensata dos especialistas em estratégia e geopolítica *não* concorda com a *boutade* do revolucionário chinês. Podemos, a propósito, citar o seguinte trecho extraído de um artigo do General Meira Mattos: "As bombas de Hiroshima e Nagasaki foram de 20 kilotons de potência (equivalente à explosão de 20 toneladas de trinitroglicerina). Hoje já existem nos arsenais dos 'dois grandes' bombas de potência de 20.000 kilotons, mil vezes mais mortíferas e destruidoras que aquelas duas que foram lançadas em 1945 contra as duas cidades japonesas." ("A Estratégia Nuclear e a

Estratégia Espacial", in *A Defesa Nacional* nº 721 - set/out 85).

Abordando tema correlacionado, a professora Therezinha de Castro publicou em *A Defesa Nacional* nº 722 (nov/dez 85) o artigo "A Paz Morna da Guerra Fria", terminando-o com a seguinte citação de Churchill: "A próxima idade da pedra poderá vir nas asas prateadas da ciência."

Assim, temos duas citações de analistas mais serenos e não propensos a minimizar os perigos intrínsecos da guerra nuclear.

É de notar-se, na primeira citação, a referência, o termo de comparação representado pela destruição, real, de Hiroshima e Nagasaki. Os possíveis efeitos inferidos do 'estado-da-arte' das bombas modernas não são fantasias matemáticas; nós mesmos, que convivemos com as aplicações tecnológicas, sabemos que a ciência e a engenharia contemporâneas podem perfeitamente extrapolar aqueles efeitos. Por exemplos: se os russos ou os norte-americanos resolverem enviar uma nave tripulada a Marte ou outro planeta do sistema solar, tal projeto, em que pese à gigantesca distância e ao longo tempo envolvidos, não terá jamais aquela dramática condição de aventura que marcou a viagem de Colombo à América em 1492. Será empreendimento *calculado* ao detalhe,

com a confiabilidade expressa por uma porcentagem cuja parte fracionária definirá a precisão *desejada* pelos projetistas.

Admitido, pois, realisticamente, o perigo representado por uma hecatombe nuclear, que tipos de reações podem ocorrer nos corações e nas mentes dos pensadores, dos políticos, dos homens de ação, contra o possível desastre?

Uma primeira reação, mais imediata, mais instintiva, é a posição assumida pelo *pacifismo*; para os adeptos dessa posição, a paz tem de ser conseguida a *qualquer preço*. O pacifista considera a guerra em geral, e com mais forte razão a guerra nuclear, impensável.

Contra semelhante posição, declaramos de modo direto e conciso nosso ponto de vista: o pacifismo é antiético, é *imoral!* E para que o leitor possa avaliar a que ponto leva esse tipo de imoralidade, lembramos o fato histórico ocorrido em 1938. Logo após a conferência de Munique, quando os aliados cederam às pressões nazistas e entregaram sem luta a Tchecoslováquia às mãos de Hitler, um deputado francês chegou exultante à Assembleia de seu país e, dando a notícia do infeliz acordo, declarou que a paz estava assegurada (...). Ao que um outro deputado comentou: "Mais, c'est une paix honteuse"... E o primeiro retru-

cou: "Alors, vive la paix honteuse!"

Uma segunda reação, mais pensada e menos apressada, é a que chamamos de reação *normal*. A palavra normal aí não tem o sentido aceito por muitos sociólogos, os quais se deixam conduzir pelo 'sociologismo' (que não deve ser confundido com sociologia). Para nós, o termo normal evoca: conforme-a-natureza-das-coisas, correto, verdadeiro, sadio.

Assim, a reação normal repudia qualquer guerra, enquanto processo daninho à pessoa humana; porém admitirá *qualquer guerra* como último, *legítimo*, recurso quando falharem todas as outras alternativas. Mesmo correndo o risco de nos julgarem favoráveis ao sentimentalismo, diremos que um excelente exemplo de reação normal é o representado pelos versos da Canção do Exército quando nos diz:

"A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor;
Porém, se a Pátria amada
For um dia ultrajada,
Lutaremos sem temor!"

A reação normal sabe que há concessões que *nunca* podem ser feitas, caso contrário deixaria de existir o próprio sentido da sobrevivência: viver para quê? para ser escravo? para existir como se fosse mero animal um pouco mais aperfeiçoado?

A reação normal sabe distinguir a diferença entre pacífico e pacifista.

A POSIÇÃO DA PREVALÊNCIA DA ESPÉCIE"

Nesta seção, pedimos vênha para apresentar a que julgamos terceira possível posição face à latente ameaça de guerra nuclear; posição que, a nosso ver, se constituiria em uma irônica 'hipótese de ... guerra'. O futuro do pretérito que termina a frase anterior explica-se porque estamos fazendo uma *conjuntura*, não arbitrária conforme pretendemos mostrar a seguir.

Chamamos a essa terceira possível posição de "o ponto de vista da prevalência da espécie". Para os adeptos dessa posição, a guerra nuclear seria *impensável*, algo a evitar de qualquer maneira. Então, pareceria que se trata de uma postura idêntica à do pacifismo. Na realidade, há uma semelhança material; formalmente, entretanto, são posições diferentes.

Um exemplo que bem ilustra essa distância entre semelhança *material* e diferença *formal* pode ser representado pelo pensamento de Maquiavel exposto em *O Príncipe*. Desde que o mundo é mundo sempre houve felonias, intrigas, bajulações e abusos de poder. Quanto a essa matéria, portanto, Maquiavel nada intro-

duziu de novo entre os homens; a miséria humana é um dado permanente na história (como é também a grandeza humana, conforme já o notara Pascal). O que o escritor florentino apresentou com brutal originalidade foi a *forma*, isto é, o conceito, a *idéia* que justifica, que incentiva, que insinua e estimula. E isto faz uma grande, uma enorme diferença!

Para avaliar como são diferentes as posições — a do pacifismo e a dessa hipotética terceira posição —, poderíamos analisar o comportamento de seus respectivos adeptos. O adepto do pacifismo faz passeatas e músicas de protestos; o outro participa de reuniões de alto nível e raramente dá entrevistas. O adepto do pacifismo é inseguro, ardente, emotivo e agitado; o outro é auto-suficiente, frio, racionalista e silencioso.

Como se manifestaria, caso estivesse existindo, a terceira hipotética posição? Dois conjuntos de indícios apresentaríamos como resposta:

— na vida externa dos países: uma política diplomática que estaria buscando progressivas concessões, hábeis acomodações, estaria tolerando guerras limitadas, porém policiando e cercando qualquer reação política que pudesse significar ruptura do *status-quo*. As escaramuças verbais das superpotências talvez estivessem sendo usadas

para mascarar, encobrir um processo político mais sutil, desenvolvido nos bastidores.

— na vida interna das nações: um generalizado processo educativo (...) caracterizado pelo achatamento cultural, pela progressiva perda de *sensibilidade* para valores éticos e estéticos, processo concomitante com a hipervalorização dos conhecimentos considerados úteis.

Para que o leitor possa ver como tais indícios não são fantasiosos, basta observar com atenção os seguintes fatos:

(a) A divisão da Europa, logo após o término da 2ª Guerra Mundial (travada em defesa da liberdade, da democracia ...), colocando *pacificamente* diversas nações (antes livres) sob a opressão de regimes totalitários; note-se a frequência com que no após guerra caíram e vêm caindo as ditaduras de direita e a persistência incólume das ditaduras de esquerda. Todas são nocivas e condenáveis, porém é fato que as de esquerda participam de uma certa esperança em um outro tipo de 'internacionalização', de uma forma ou outra de veneração da ... humanidade ...

(b) A opinião unânime e manifesta de respeitáveis educadores norte-americanos, franceses, brasileiros quanto à perigosa queda da qualidade do ensino nos países do Ocidente. Aqui mesmo, em nosso País, se perguntarmos a um homem ou a

uma mulher que esteja na faixa dos setenta anos o que ele ou ela estudava no seu tempo de menino, no curso primário, e supondo que ambos ainda tenham a memória em bom estado, ficaremos admirados com a resposta. Esta nos mostrará dois fatos: primeiro, o enorme desnível de conhecimento entre os antigos e os atuais adolescentes; segundo, a cultura geral, preparatória para a vida (no sentido amplo do processo educativo) que nossos avós recebiam na infância e na adolescência.

As circunstâncias político-culturais acima delineadas estariam predispondo os homens das nações ainda livres a assumirem um tipo de comportamento caracterizado pelos seguintes desvios da normalidade: o desfibramento religioso, o relativismo ético e o conformismo político.

O primeiro desses desvios significa a perda do sentido de transcendência da pessoa humana e, em consequência, uma acomodação telúrica que acaba tolhendo possíveis movimentos de generosidade e heroísmo.

O segundo, o relativismo, pode ser melhor explicado pelo que chamaremos "o caso dos caolhos": se todos os homens do mundo perdessem um dos olhos, o adepto do relativismo diria que podíamos riscar dos dicionários a palavra *caolho*. Ao contrário, uma perspectiva *normal*, sadia portanto, sempre verá o caolho

como um deficiente, não importa quantos desses pobres defeituosos existam sobre a face da terra.

Finalmente o terceiro desvio, o conformismo político, refere-se à passiva e dócil aceitação da presença do Leviathan, isto é, do Estado moderno, onipresente e onisciente, na vida das nações.

Parágrafos acima referimos-nos, não por acaso, ao nome de Cristóvão Colombo; a aventura do navegante genovês, para nós, simboliza o *oposto* dos três desvios citados.

Ora, pode-se perguntar: a que tipo de situação poderiam tais circunstâncias estar conduzindo as sociedades contemporâneas? A resposta a esta pergunta podemos-la encontrar no profético (posto que escrito em 1832, portanto há mais de 150 anos) texto de Alexis de Tolqueville, quando escrevia em *A Democracia na América*: "Procuro descobrir sob que traços novos o despotismo poderia ser produzido no mundo: vejo uma multidão inumerável de homens semelhantes e iguais, que, sem descanso, voltam-se sobre si mesmos, à procura de pequenos e vulgares prazeres, com os quais enchem a alma. Cada um deles, afastados dos demais, é como que estranho ao destino de todos os outros: seus filhos e seus amigos particulares, para ele constituem toda a espécie

humana; quanto ao restante dos seus concidadãos, está ao lado deles, mas não os vê; toca-os e não os sente; existe apenas em si e para si mesmo, e, se ainda lhe resta uma família, pode-se ao menos dizer que não mais tem pátria.

"Acima destes, eleva-se um poder imenso e tutelar, que se encarrega sozinho de garantir o seu prazer e velar sobre a sua sorte. É absoluto, minucioso, regular, previdente e brando. Lembraria mesmo o pátrio poder, se, como este, tivesse por objeto preparar os homens para a idade viril; mas, ao contrário, só procura fixá-los irrevogavelmente na infância; agrada-lhes que os cidadãos se rejubilem, desde que não pensem senão em rejubilar-se. Trabalha de bom grado para a sua felicidade, mas deseja ser o seu único agente e árbitro exclusivo; provê a sua segurança, prevê e assegura as suas necessidades, facilita os seus prazeres, conduz os seus principais negócios, dirige a sua indústria, regula as suas sucessões, divide as suas heranças; que lhe falta tirar-lhes inteiramente, senão o incômodo de pensar e a angústia de viver?"

Convém que o texto anterior seja relido. A antevisão de Tocqueville, cremos nós, alertará qualquer pessoa que não tenha alma de escravo.

CONCLUSÃO

Na introdução deste artigo, falamos sobre a defesa nacional e seus prováveis inimigos, isto é, aqueles previstos nas hipóteses de guerra. No decorrer do trabalho procuramos levantar uma outra hipótese de agressão. O fato desse tipo de 'agressão' estar ocorrendo de modo quase imperceptível não a tornaria menos nociva nem menos indesejável; o fato de estar ocorrendo simultaneamente nos países ainda livres do Ocidente não deveria torná-la menos preocupante.

Não sabemos se algum hipotético leitor já teria refletido sobre os problemas que abordamos neste modesto ensaio; quanto a nós, tais problemas despertam-nos a preocupação e a angústia.

Essa angústia é tanto maior quanto mais vemos que uma boa parte da mocidade contemporânea, premida pelas circunstâncias a que já nos referimos, vagueia tristemente entre três melancólicas alternativas: um "espírito-de-acomodação" — que dá mais valor à segurança pessoal, ao *status*, ao sucesso na profissão, ao bom nome e ao prestígio próprio; um "espírito-de-revolta" — que dá valor ao protesto

irracional, à promiscuidade e ao suicídio psicológico; ou um "espírito-de-ambição" — que dá mais valor ao poder, à capacidade de influir, dirigir a vida dos outros Graças a Deus. Entretanto, muitos jovens, anonimamente dispersos na multidão, ainda crêem nos verdadeiros valores, aqueles valores que conferem sentido e dignidade à existência do homem, isto é, da pessoa humana. Valores que tornaram possível o processo civilizatório, como atividade inconsciente.

O respeito a esses frutíferos valores continuará existindo enquanto os moços puderem encontrar, na família e na escola, uma educação não-pragmática, não vinculada a qualquer forma de utilitarismo, uma educação que não seja baseada na quimera socialista, nem muito menos em qualquer tipo de estoicismo humanitário.

Como corolário dessas considerações, pode-se inferir o motivo pelo qual incumbe ao Estado, em uma nação democrática, o dever de apoiar aqueles que desejam estudar em escolas não oficiais (o nome não-oficiais é melhor que o particular). Porém, isto já é tema para outro excerto.

Cel R/1 — ROBERTO MISCOW FILHO — Aspirante a Oficial de Infantaria (AMAN—1953); Engenheiro de Comunicações (IME — 1962); Comunicações (EsAO — 1970); Mestre em Ciências, Engenharia Elétrica (IME — 1977). Serviu no 13º BC — (Joinville — SC), no Sv. Rádio do Ministério do Exército, no 2º Btl RI (Rafah — Palestina, UNEF) e no Instituto Militar de Engenharia. Atualmente é professor do IME.
